

**R-EXISTÊNCIAS DOS GERAIZEIROS BAIANOS E O
FRONT DO AGRO-ENERGIA-NEGÓCIOS:
COMUNIDADES GERAIZEIRAS DO BAIXO VALE DO
RIO GUARÁ, SÃO DESIDÉRIO, MESORREGIÃO DO
EXTREMO OESTE DA BAHIA¹**

**R-EXISTENCES OF BAIAN GERAIZEIROS AND THE
AGRO-ENERGY-BUSINESS FRONT: GERAIZEIRA
COMMUNITIES IN THE LOWER GUARÁ RIVER
VALLEY, SÃO DESIDÉRIO, IN THE FAR WEST
MESOREGION OF BAHIA**

**R-EXISTENCIAS DE GERAIZEIROS BAIANOS Y EL
FRENTE AGROENERGÉTICO-NEGOCIO:
COMUNIDADES GERAIZEIRA DEL BAIXO VALE DO
RIO GUARA, SÃO DESIDÉRIO, EN LA MESOREGIÓN
EXTERIOR OESTE DE BAHIA**

Valney Dias Rigonato

Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
Professor Adjunto da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)
E-mail: valney.rigonato@ufob.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4898-9108>

Maria Geralda de Almeida

Professora Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG)
Professor Aposentada da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Professora do PPGEIO da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
(In memoriam)

Resumo:

Esse artigo buscou analisar as formas de r-existências das comunidades tradicionais Geraizeiras diante do *front* da fronteira neoeextrativista das paisagens dos Cerrados na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. A metodologia utilizada foi a geocologia de saberes que buscou valorizar o diálogo de saberes autóctones e os saberes racionais dos sujeitos e grupos de sujeitos nos territórios vividos das comunidades tradicionais Geraizeiras. Os resultados apontam para a hibridização no *front* da fronteira agrícola para o agro-energias-negócios diante dos projetos financiados pelo PAC e de suas inúmeras alterações ambientais e possível escassez da água do rio Guarará. Também que a r-existência do Geraizeiros(as) ocorre no seio dos seus modos de vida pelo associativismo, pela transição agroecológica, pela produção de artesanato e pelo redimensionamento das lavouras de rego das áreas de vereda para as áreas de agroecologia nos terraços, bem como pela conquista dos títulos dos seus territórios de vida.

Palavras-chave: Agro-Energias-Negócios, Comunidades Tradicionais; R-Existências.

Abstract:

This article seeks to analyze the forms of r-existence of traditional Geraizeiras communities in front of the neo-extractivist frontier of the Savannas landscapes in the mesoregion of the Far West of Bahia. The methodology used was the geocology of knowledge, which sought to enhance the dialogue of indigenous knowledge and the rational knowledge of subjects and groups of subjects in the territories lived in the traditional Geraizeiras communities. The financed results point to a hybridization at the front of the

¹ Publicado originalmente como capítulo de livro, organizado por: SANTOS, Josefa de Lisboa; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva; SANTOS, Laiany Rose Souza (Orgs.). **Ajuste espacial do capital no campo:** questões conceituais e r-existências. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019. Coleção Universitária, p. 36-60. ISBN 978-85-69567-54-7.



agricultural frontier for the agro-energy-business ahead of the projects by the PAC and its numerous and possible changes in the water of the Guar River. Also, that the re-existence of Geraizeiros occurs within their ways of life through associations, the agroecological transition, the production of handicrafts and the resizing of irrigation crops from the footpath areas to the agroecology areas on the terraces, as well, as for the conquest of the titles of their territories of life.

Keywords: Agro-Energy-Business, Traditional Community; R-Existences.

Resumen:

Este artículo busc analizar las formas de r-existencia de las comunidades tradicionales de Geraizeira frente a la frontera neo-extractivista de los paisajes del Cerrado en la mesorregión del Lejano Oeste de Bahia. La metodología utilizada fue la geoeología de los saberes que buscó valorar el diálogo de los saberes autóctonos y los saberes racionales de los sujetos y grupos de sujetos en los territorios vividos de las comunidades tradicionales de Geraizeira. Los resultados apuntan a la hibridación en el frente de la frontera agrícola para el negocio agroenergtico frente a los proyectos financiados por el PAC y sus numerosos cambios ambientales y posible escasez de agua del río Guará. También que la r-existencia de los Geraizeiros (as) se da dentro de sus formas de vida a través del asociativismo, la transición agroecológica, la producción de artesanías y el redimensionamiento de cultivos de riego de las áreas de vereda para las áreas de agroecología en las terrazas, así como por la conquista de los títulos de sus territorios de vida.

Palabras clave: Agro-Energía-Negocio, Comunidades Tradicionales; R-Existencias.

1 PALAVRAS INICIAIS

A partir das evidncias paisagsticas, esse artigo foi dividido em trs sees: na primeira seo contendo informações sobre o espaço que tratamos e dos sujeitos Geraizeiros diante dos conflitos territoriais da Mesorregião e do Vale do rio Guará. Na segunda-seção, as discussões envolvem a contextualização dos Geraizeiros nos Cerrados baianos diante do *front* do agro-energias-negócio e, em outra seção aprofundamos sobre as r-existências destes sujeitos.

Para analisar as r-existências dos Geraizeiros² diante das territorialidades dos grandes empreendimentos agrícolas e da ocupação dos fundos dos vales buscamos unir observações empíricas, o DRP- Diagnóstico Rural Participativo e leituras o uso e ocupação recente dos Cerrados baianos. Nos interessa, sobretudo, as implicações das APP (reas de Preservação Permanentes) no *front* do agro-energias-negócios.

Esse processo recente passou a ocupar e desapropriar as comunidades Geraizeiras dos seus territórios que permaneceram com sua biodiversidade mais conservada que as áreas de planaltos “Gerais”. Essa ocupação pode ser denominada de grilagem verde que intensificou e revigorou as disputas pelas terras “posses” no médio vale do rio Guará, São Desidério e, mormente, em toda mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Além disso, esse avanço também se faz com base na lógica e do discurso da produção de energias renováveis, capitaneado pelo agro-energias-negócios.

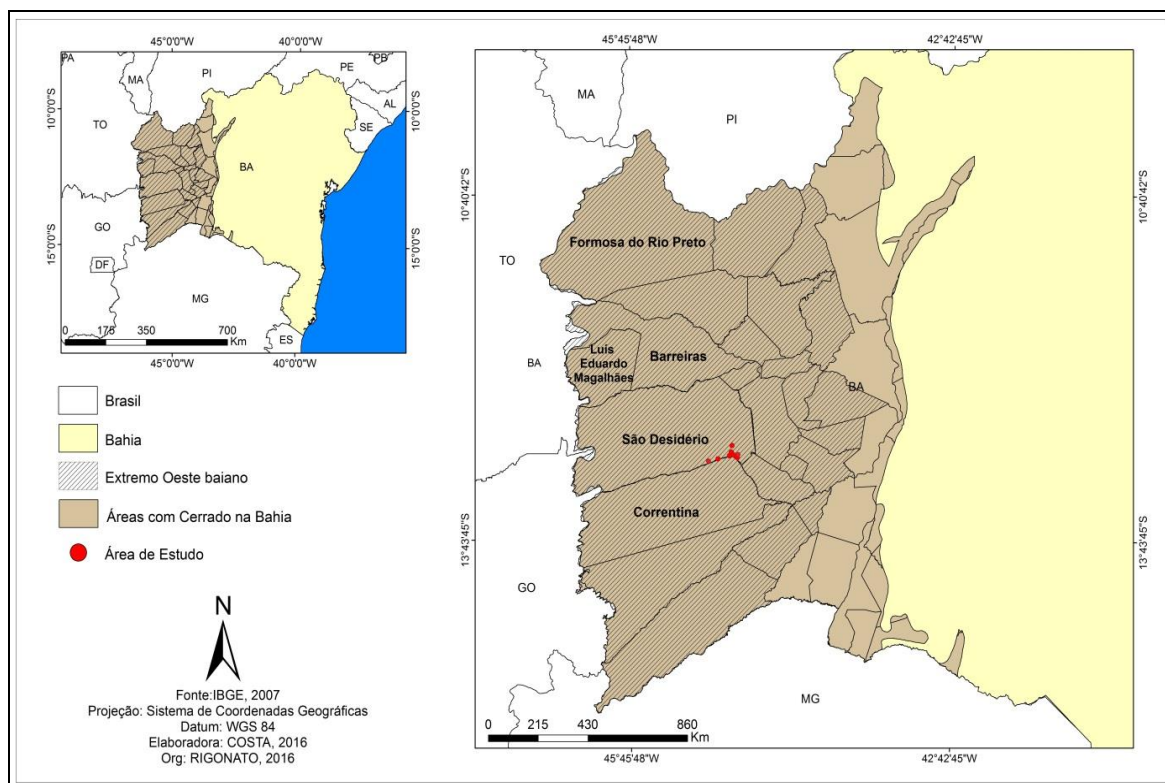
² Povos ou comunidades Geraizeiras: são compostas por sujeitos e grupos socioculturais que seus ascendentes habitam as paisagens dos Cerrados baianos mais de cinco décadas. Geralmente, são famílias que deslocaram das zonas de transição da Caatinga/Cerrado em períodos de intensificação das secas no semiárido, devido conflitos agrários e em busca da exploração da borracha de mangaba. Muitas dessas famílias vieram e desenvolveram agricultura de rego nos brejos das inúmeras veredas, extrativismo e pecuária tradicional  solta nos Gerais. Eles possuem ainda saberes ambientais que lhes permitem conviver em maior harmonia com as paisagens dos Cerrados diante das territorialidades do agro-energia-negócios.



2 AS ESCALAS ESPACIAIS DE COSMOVISÕES DISTINTAS

Este estudo realizou-se no espaço denominado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, (BRASIL, 2016). Já pela Secretaria de Planejamento do Governo da Bahia (BAHIA, 2016) tal área situa-se no Território de Identidade do Rio Grande e no plano da composição das bacias hidrográficas pertence à bacia hidrográfica do rio Corrente, conforme figura 1.

Figura 1: Mesorregião do Extremo Oeste Bahia-Brasil, 2018.



Esta Mesorregião fica situada no lado do município de São Desidério o qual possui uma população de 27 659, sendo dessa, 19 026 moradores da zona rural e 8 633 residentes na zona urbana (BRASIL, 2016). Cabe ressaltar que essa expressiva população rural se encontra residente em aglomerados, povoados e vilas rurais. Outro aspecto de destaque em São Desidério é o baixo IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). Tal fato revela a manutenção das desigualdades sociais marcadas pela concentração de renda devido à modernização da agricultura.

Conforme os dados (DATASUS, 2015)³ o vale do rio Guará em São Desidério possui uma população de aproximadamente 1.079 habitantes, composta por 257 famílias as quais 77 recebem bolsa família no médio vale do rio Guará. Essas famílias habitam os povoados de Cera, Contagem,

³ Dados fornecidos pela Secretária de Saúde de São Desidério a partir da coleta do DATASUS, 2015.



Currais, Lagoa dos Buritis, Larga, Pedras, Ponte de Mateus e Vereda Grande⁴ constituindo comunidades tradicionais que desenvolvem lavoura de rego, extrativismo e artesanato nas veredas e vales úmidos do referido rio. Uma população que, segundo Théy et al (2009) está na zona de ocorrência de maiores índices de trabalho em situação análoga ao escravo no território brasileiro.

O rio Guará banha essas comunidades Geraizeiras e é um importante limite natural entre o Município de São Desidério e Correntina, Bahia. O mesmo, juntamente com o rio do Meio, das Éguas e o rio Arrojado são os principais afluentes do rio Corrente. Ambos interligados com as características da província hidrogeológica do rio São Francisco, os quais são abastecidos pelo aquífero Urucuia, nas proximidades dos chapadões divisores da Serra Geral de Goiás (GOMES, 2012). Além disso, tais nascentes estão sob as faixas de maiores índices pluviométricos da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Elas compõem as principais áreas de recarga do aquífero. Essas características os colocam na categoria de rios perenes, mas há também os vários córregos intermitentes já inexistentes pelo assoreamento provocado pelo avanço das monoculturas e estradas vicinais construídas sem as bacias de captação em série.

O vale do Guará também é repleto de veredas intercaladas de cerrado típico. A BR 020 passa a montante à bacia hidrográfica do referido rio. Essa porção territorial é uma das áreas com considerável presença de monocultura de soja, algodão e milho, do município de São Desidério. No médio vale, há uma faixa de transição entre monoculturas, áreas de pastagens e glebas de remanescentes de vegetação nativa dos Cerrados. Já, no médio vale, a concentração dos Geraizeiros foram se deslocando na medida em que os chapadões “Gerais” foram sendo cercados, ou seja, ocupado pelo agro-energias-negócios.

As pesquisas de Santos Filho (1989), Haesbaert (1995) Alves (2001), Santos (2007; 2015), Mazetto Silva, (2009), Cardoso (2012), José Sobrinho (2015), entre outros, demonstram que o processo de uso e de ocupação das áreas dos Cerrados baianos provocou desapropriação das terras, grilagem, urbanização acelerada e desarticulação econômica, social e cultural. Porém, ao contrário do que a maioria desses autores aponta como característico de processos de “desterritorialização”, os estudos recentes de Rigonato (2017), registram também a r-existência e a (re) habitação das comunidades geraizeiras dos Cerrados baianos.

3 GERAIZEIROS NOS CERRADOS BAIANOS E AGRO-ENERGIAS-NEGÓCIOS

Essas comunidades Geraizeiras que habitam esses povoados vivenciam em toda mesorregião do Extremo Oeste da Bahia a pressão para transformar, os vales úmidos e as veredas onde foram

⁴ Esses são povoados que possuem entre 20 a 80 habitações as quais são habitadas em sua maioria por povos e comunidades Geraizeiras que permaneceram o processo de avanço da fronteira agrícola desde do final da década de 1960. Há também neles populações que migraram e recentemente voltaram para as áreas dos Cerrados. Além de pessoas e trabalhadores de outras regiões que passaram a habitar e trabalhar nas lavouras do agronegócio.

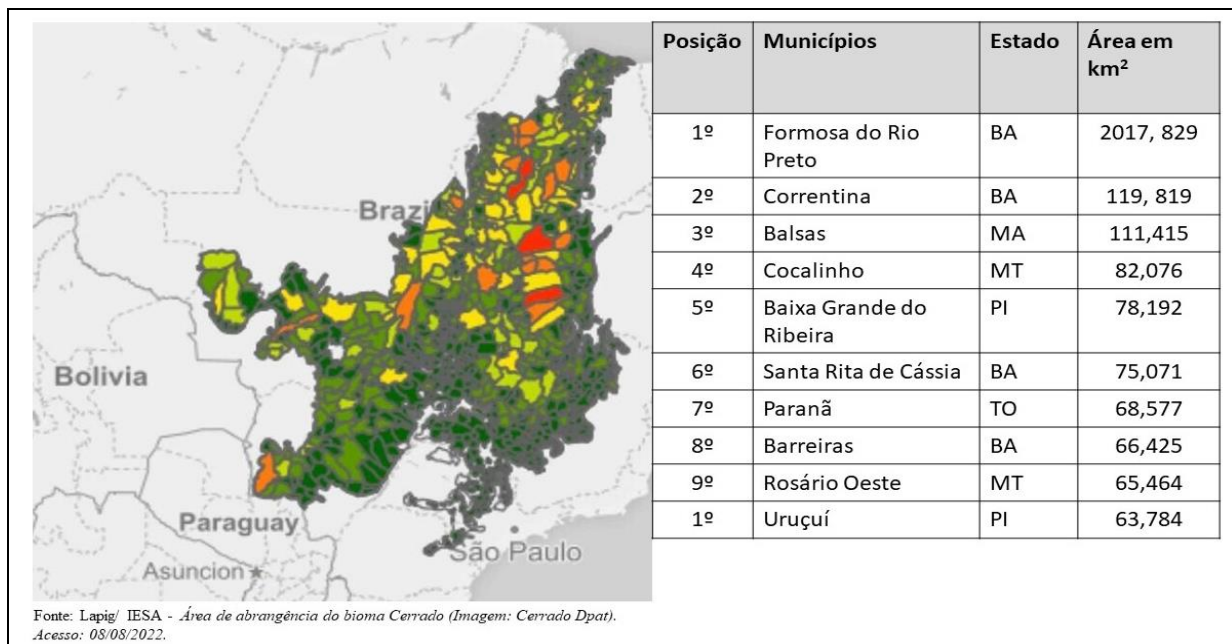


obrigadas a viver após a década de 1970, em reservas legais e áreas de produção de energias para as fazendas produtoras de grãos à montante dos vales, toda faixa que limítrofe com a serra Geral. Ou, também pelo desmatamento realizado nas partes de maior altitude dos planaltos para o plantio de eucalipto⁵ nas duas grandes bacias hidrográficas que drenam aquela mesorregião.

A partir desse cenário, é importante ressaltar que oito dos seus municípios obtiveram os maiores índices de desmatamento das áreas de Cerrados nos últimos anos, (BRASIL, 2012)⁶, quatro continuaram entre os 10 municípios que mais desmataram nas áreas dos Cerrados entre 2018 e 2019, conforme a figura 2 a seguir:

Com o advento do agro-energias-negócios, sem ações efetivas de planejamento e fiscalização estatal, houve a expansão desordenada da monocultura dos municípios de Luiz Eduardo Magalhães, de Barreiras e do distrito de Roda Velha, em São Desidério. A sede do município e o distrito citados detêm os maiores índices de crescimento desta mesorregião. Porém, também possuem altas taxas de desigualdades sociais e precários sistemas de saneamento básicos.

Figura 2. Municípios com remanescente do Cerrado sob intensa pressão de desmatamento entre 2018 - 2019.



⁵ Implantação da Termelétrica (UTE) Campo Grande BioEletricidade que demandará já para 2015 de 7.895 hectares e deverá alcançar 35 mil hectares no raio de 50 quilômetros da mesma para o plantio de biomassa que será consumida na termelétrica. Fonte: <http://www.painelflorestal.com.br/noticias/biomassa/plantio-de-eucalipto-sera-usado-em-termelétrica-na-bahia-pela-bolt-energias-criando-a-campo-grande-bioeletricidade> Acesso: 24/01/2018.

⁶ Para o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2012) o desmatamento das áreas dos Cerrados brasileiros entre 2002 e 2008, correspondeu uma área de 85.074km². Os vinte municípios que mais desmataram proporcionalmente foram: Formosa do Rio Preto-BA, São Desidério-BA, Correntina-BA, Paranatinga-MT, Barra do Corda-MA, Balsas-MA, Brasnorte-MT, Nova Ubiratã-MT, Jaborandi-BA, Sapezal-MT, Baixa Grande do Rib-PI, Nova Mutum-MT, São José do Rio Claro-MT, Barreiras-BA, Grajaú-MA, Uruçuí-PI, Uruçuí-PI, Riachão das Neves- BA, Santa Rita do Trivelato-MT, Crixás-GO, João Pinheiro –MG. É importante frisar que esses municípios baianos citados, da mesorregião do Extremo Oeste baiano possuem um percentual de população rural expressivo diante da realidade dos demais municípios da região geocológica dos Cerrados.



Outra característica marcante dessa mesorregião baiana e, principalmente, do município de São Desiderio e do médio vale do rio Guará é a diversidade de sujeitos e profissões interligados com o agro-energias-negócios: comunidades Geraizeiras, pequenos agricultores, grandes agricultores, empresários agrícolas, aviadores, técnicos, agrônomos e engenheiros cartográficos, engenheiros elétricos e florestais.

Pessoas de profissões e identidades distintas de diversos lugares do país e do mundo: pernambucanos, mineiros, baianos, paulistas, gaúchos, paranaenses, catarinenses, descendentes de japoneses, de coreanos, de holandeses e de outros. Infelizmente, ainda há pessoas que propagam discursos preconceituosos, tais como: “o baiano é preguiçoso”, “isso tudo estava aí e esses baianos, eles não tinham coragem de plantar” e mesmo “essas terras estavam todas aí, mas eles não tiveram coragem de desbravar”, segundo depoimentos em setembro de 2015.

Há contradições e conflitos territoriais. Nas últimas décadas eles se avolumam. De um lado, há a manipulação delas pelos grandes agricultores em prol do discurso do “progresso ilimitado do agronegócio”. Do outro lado, é possível notar, nas falas dos moradores do médio vale do rio Guará e em seus signos, mensagens tais como: “daqui eu não saio, aqui é o meu lugar. Só saio se acabar com a água”, segundo entrevistas, 09/2015. Dentre eles, há ineficiência proposital do Estado da Bahia em fiscalizar, planejar e propor uma gestão realmente sustentável para a preservação e conservação dos bens naturais dos Cerrados diante do *front* do agro-energias-negócios.

Diante deste contexto, as comunidades Geraizeiras tiveram de restringir a pecuária, a rotatividade das áreas de plantio, diminuir suas áreas de coleta de frutos e raízes. Com isso, elas são forçadas a eliminar e/ou ressignificarem os principais elementos dos seus modos de vida. Neste contexto, também estabeleceram práticas sociais de r-existência, sobretudo, diante das territorializações dos grandes projetos do agro-energias-negócios nesta porção territorial.

Esses aspectos situam essa porção territorial em situação de *front* agrícola (FREDERICO, 2010) em constantes territorialidades socioeconômicas e socioculturais e, geralmente, conflitantes. Os conflitos ocorrem no campo e nas cidades relacionados ao uso e a ocupação das terras nas áreas dos cerrados. No campo, há desapropriações de antigos posseiros, sobretudo, nos fundos dos vales dos principais mananciais da supracitada mesorregião tradicionalmente ocupados de Geraizeiros. Já, nas cidades de Barreiras, São Desidério, Correntina e outras se tornaram perceptíveis o aumento dos índices de violência: assaltos, roubos, homicídios e outros.

No campo representacional ou discursivo, os Cerrados baianos, em poucas décadas, passaram de terras inóspitas para terras prósperas, sendo considerada como uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do território brasileiro.



Com este perfil, os Cerrados foram recentemente incorporados no decreto presidencial (Nº 8.447, de 6 de maio de 2015) da nova região geoeconômica do MATOPIBA. Ela compreende o bioma Cerrado dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e responde por grande parte da produção brasileira de grãos e fibras e, também, de exploração do potencial de produção e energias fotovoltaicas, termoeletricas e de Pequenas Centrais Hidrelétricas. Esta região, é considerada como a grande fronteira agrícola nacional da atualidade. Ademais, aliado às mudanças ambientais e das leis estaduais e federais (Lei 10 431/2006) que versam sobre as áreas de proteção permanentes, demonstram ampliar os conflitos territoriais relacionados à posse das terras⁷ e as pessoas, principalmente das comunidades Geraizeiras, ameaçadas no campo pelos grileiros de terras⁸ e pelos seguranças dos condomínios de produção agrícolas.

Esses, geralmente buscam desapropriar as comunidades Geraizeiras das terras tradicionalmente ocupadas para repassar para comerciantes de terra locais que vendem essas terras para os empreendedores nacionais e internacionais⁹ do “agro-hidro-negócio”, (MENDONÇA, 2004). Cabe aqui ressaltar que nesta mesorregião essa lógica agregou novas fontes de produção de energia (termoeletricas e energia eólica e solar) transformando a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia em agro-energias-negócios.

Nessa conjuntura, o uso e a ocupação dos Cerrados colocaram as comunidades geraizeiras em conflitos territoriais na mesorregião do Oeste da Bahia e, por sua vez, compõem práticas sociais nos lugares vividos pelos Geraizeiros do Médio Vale do Rio Guará as quais r-existem e (re) habitam os Cerrados baianos.

O agro-energias-negócios apresenta-se como uma nova lógica de apropriação das terras dos Cerrados. Mas, internamente traz o “mito da natureza intocada” (DIEGUES, 1996) e diminui as possibilidades das comunidades Geraizeiras ter acesso direto às áreas dos cerrados baianos.

Na última década, com os investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) esse setor agro-energias-negócios parece consolidar na produção de energias que transcendam a produção de energias e o uso de hidrelétricas e/ou Pequenas Centrais Hidrelétricas do supracitado agro-hidro-energias aqui nos Cerrados baianos, conforme quadro 1.

O quadro é representativo de como o principal programa governamental mescla-se com o avanço do *front* do agro-energias-negócios financiados pelo Estado Brasileiro em parceria com o

⁷ Tal fato encontra-se registrado no livro “Branco da grilagem das Terras Brasileira” na página 27. Há uma área de 444.306 hectares que engloba terras das fazendas Estrondo e Santa Rita no município de Formosa do Rio Preto e Santa Rita de Cássia na divisa do Estado do Bahia com o Estado do Tocantins e do Piauí. http://www.incra.gov.br/media/servicos/publicacao/livros_revistas_e_cartilhas/Livro%20Branco%20da%20Grilagem%20de%20Terras.pdf Acesso: 12/03/2016

⁸ Grilagem de terras em Ponte de Mateus!!! <http://reporterbrasil.org.br/2010/06/ambientalistas-querem-parque-nacional-para-conter-expansao-da-soja/>. Acesso: 10/02/2016.

⁹ Informações do relatório da ANEEL (Agencia Nacional de Energia Elétrica), registram que há 60 projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) previstas para construção na mesorregião Extremo Oeste da Bahia.



capital nacional e internacional. Apesar de Bom Jesus da Lapa não compor os municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia há evidências e rumores que a energia produzida em suas usinas fotovoltaicas será utilizada pelo setor do agronegócio concentrado na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Esses investimentos atendem ao interesse dos agricultores, empresas interligadas com o discurso da sustentabilidade e das energias renováveis no primeiro *Workshop*¹⁰ na cidade de Luís Eduardo Magalhães no ano de 2017.

Quadro 1: Investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em Infraestrutura Energética Renováveis na Mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e Bom Jesus da Lapa, em 2017

Tipo de Empreendimento de Produção de Energias Renováveis	Investimentos	Empresas	Municípios da Bahia
UTE Campo Grande Bioeletricidade	650.000.000,00	Bolt Energias	São Desidério
Usina Fotovoltaica - Horizonte Mp 1, 2, 11-Ba	426.130.000,00	Enel Green Power Horizonte MP Solar S. A.	Tabocas do Brejo Velho
Usina Fotovoltaica - Ituverava 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 –BA	1.096.452.000,00	Enel Green Power Ituverava Norte	Tabocas do Brejo Velho
Usina Fotovoltaica - Bjl 11 –BA	79.480.000,00	BJL11 SOLAR S. A	Bom Jesus da Lapa
Usina Fotovoltaica - Bom Jesus da Lapa I, II	331.200.000,00	Enel Green Power Bom Jesus da Lapa Solar S.	Bom Jesus da Lapa
Usina Fotovoltaica - Bom Jesus da Lapa 2	310.400.000,00	Enel Green Power Bom Jesus da Lapa Solar S. A	Bom Jesus da Lapa

Fonte: Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), 2019. In: <http://www.pac.gov.br/infraestrutura-energetica>. Acesso em: 24/06/2018.

Por um lado, os projetos do agro-energias-negócios promovem a erosão da biodiversidade das áreas de chapadas “gerais” e por outro lado, utilizam da legislação ambiental vigente para converter as áreas úmidas dos vales dos rios e veredas em Reservas Ambientais Permanentes (APPs) dos projetos de produção *commodities* agrícolas e de produção de energias, chamadas limpas. Além disso, neste *front* o agro-energias-negócios se instaura como sendo sustentável.

Contraditoriamente, com isso, nota-se empiricamente o revigoramento da grilagem das áreas de “Cerrados em pé” e, principalmente, dos vales e veredas úmidas¹¹ que já o dissemos ser a “grilagem verde”, (RIGONATO, 2017). Essas áreas são desmatadas e transformadas em áreas de

¹⁰ <https://agroevento.com/agenda/workshop-de-energias-renovaveis-no-agronegocio-2017/>. Acesso em: 24/06/2018.

¹¹ <http://reporterbrasil.org.br/2010/06/ambientalistas-querem-parque-nacional-para-conter-expansao-da-soja/> Acesso em: 24/06/2018.



pastagem ou destinadas à criação de reservas legais das grandes fazendas exportadoras das *commodities* agrícolas e das fazendas produtoras de eucalipto para a termoelétrica.

Devido ao uso e abuso excessivos das chapadas “Gerais” muitos proprietários das fazendas não conservaram as suas áreas de proteção permanente. E, com as exigências das leis ambientais para sua proteção e com a construção da ferrovia Leste-Oeste, serpenteando o médio vale do rio Guará há uma verdadeira corrida de ocupação também dos vales úmidos para transformá-lo em áreas de pastagem ou em reservas permanentes das grandes fazendas produtoras de grãos e eucalipto. Além disso, há especulação de expulsão das Geraizeiras para a construção de usinas de energia solar, eólica, energia da biomassa: Termoelétricas, biogás e das Pequenas Centrais Hidrelétricas - PCHs.

Neste século XXI, pode-se afirmar que a renascimento das práticas de grilagem das terras é o maior desafio para a r-existência dos Geraizeiros. Há também evidências das alterações ambientais em larga escala provocada pela monocultura na redução dos bens hídricos¹². Com isso, há o aumento dos conflitos internos das comunidades Geraizeiras devido à documentação das terras nos cartórios municipais de Correntina ou São Desidério. Há precarização da titulação das terras devido à falta de documentos, a falta de acessória jurídica, isto é direito agrário dos Geraizeiros, conforme Sobrinho, 2015.

4 R-EXISTENCIA DOS GERAIZEIROS

As alterações ocorridas no ambiente e no modo de vida dos Geraizeiros, ao invés de diminuir o número de habitantes nos povoados e comunidades no médio vale do rio Guará, provocaram o acréscimo do número de habitantes e, por sua vez, de moradias. Tais constatações empíricas fortalecem a discussão teórica aqui apresentada que os Geraizeiros ao invés de desterritorializarem (HAESBAERT, 1995) nas últimas décadas, eles promovem a r-existência nas paisagens dos Cerrados baianos.

Diante das evidências empírica e das proposições teóricas buscamos neste estudo adentrar no lugar-mundo vivido pelas famílias Geraizeiras. Objetiva demonstrar as suas principais práticas de r-existência diante das transformações e limitações criadas pelo *front* do agro-energias-negócios na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Ora, a busca de esclarecimentos para contribuir para a r-existência do seu modo de vida diante do *front* agrícola, nos levam a atentar para três elementos da cultura Geraizeira, tais como:

¹² A título de exemplo pode-se citar o conflito pelas águas no município de Correntina, BA devido à escassez de água para os pequenos e médios produtores no ano de 2017. In: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/12-noticias/conflitos/4103-populacao-de-correntina-vai-as-ruas-em-defesa-das-aguas>. Acesso: 24/06/2018.



Roça de Rego ou Roça de Esgoto: Há relatos dos Geraizeiros que essa prática agrícola iniciou no referido médio vale do rio Guará no século XIX com pessoas que migraram da região semiárida devido às sucessivas secas. Mas, suas origens retomam a ocupação indígena como bem apontam Ribeiro (2000) e Barbosa (2008). Tal sistema agrário foi à base da agricultura na mesorregião do Extremo Oeste antes dos anos 1980. Apesar de ser ainda pouco estudado se tornou ilegal pela legislação e regionalmente pressuposto para acusar os Geraizeiros de destruidores da natureza. Entretanto, as evidências em campo no referido vale, demonstram que os impactos são pequenos em relação à agricultura moderna.

Essa prática agrícola dos Geraizeiros é desenvolvida nos brejos na linguagem local, em áreas de veredas e vales úmidos dos cerrados baianos. Utiliza-se o fogo para o manejo. Geralmente ela é desenvolvida na passagem da estação chuvosa para a estação seca das áreas dos Cerrados, devido a menor umidade dos solos dessas áreas. Destacamos que as lavouras de rego são desenvolvidas nas oito comunidades Geraizeiras do médio vale do rio Guará. Porém, quem possui as melhores áreas são as famílias que permaneceram no referido vale nas últimas décadas do século XX. As famílias dos jovens e as famílias de migração de retorno não desenvolvem a agricultura de rego devido à falta de áreas úmida para o plantio, ocasionadas pelo “cercamento” dos Geraizeiros em suas comunidades pelo agro-energias-negócios.

Entretanto, as relações de trabalho são de base familiar as quais envolvem relações intra e intercomunidades no vale do rio Guará. Os Geraizeiros ainda desenvolvem o mutirão, em períodos de maior intensidade na demanda de trabalho, tais como: na capina, no plantio e na colheita. Porém, há relatos dos Geraizeiros que essa prática do mutirão diminui nos últimos anos com a intensificação da oferta de trabalho assalariado nas lavouras de eucalipto destinada a produção de biomassa para produção de energia na futura Termoelétrica da Bolt Energia e o aumento de pivôs centrais na bacia hidrográfica do rio Guará. Diante deste cenário, a transição agroecológica para as áreas de terraços pode ser uma alternativa de r-existência.

O Extrativismo: é utilizado enquanto complemento da dieta alimentar, de renda e para a geração de energia. Mesmo já tendo acesso à energia elétrica e ao gás de cozinha, os Geraizeiros mantêm práticas socioculturais que constituem os seus modos de vida. O extrativismo é um complemento de sua renda familiar ou de redução de gastos o que leva quase todas as famílias possuírem fornos a lenha. Ressalta-se que eles utilizam mais a madeira seca, sobretudo de árvores “mortas” de menor valor comercial e, também, as cascas dos cocos e cales dos buritis e coqueiros. Mas, há também a retirada de “madeira branca ou fraca” para cozinhar. Já o extrativismo de madeiras de lei para cercas é uma atividade mais rentável economicamente, segundo relatos de campo nos anos de, 2015, 2016 e 2017. Assim, o extrativismo de madeira compõe o seu modo de vida, mesmo sabendo que é ilegal o seu corte sem as devidas autorizações. Já o extrativismo de



raízes frutas, folhas, fibras de palmeiras “buriti e buritirama” tem utilidade para as atividades domésticas e para a produção de artesanatos de capim dourado em ascensão no vale do Guará e em Formosa do rio Preto.

Os produtos do extrativismo, muitas das vezes transformam-se nos materiais para a construção das residências de ainda comum em todas as comunidades Geraizeiras e, também para a construção de utensílios utilizados.

Os Geraizeiros por meio das roças de rego e do extrativismo revelam saberes profundos com a biodiversidade dos Cerrados. Assim, demonstram as suas cosmovisões e cosmovivências semelhantes outros povos das Américas, com bem destacam (BÓRQUEZ Y NÚÑEZ, 2014).

Afirmamos que o extrativismo é utilizado basicamente pelas famílias geraizeiras para alimentação, artesanato e medicina popular. Há aqueles que já comercializam as madeiras de lei e raízes medicinais quando há compradores. Contudo, para os Geraizeiros o extrativismo é um componente de seu modo de vida. Sendo assim, uma das suas práticas de r-existência que transcende as práticas utilitaristas e incorporam os valores socioculturais em constante resignificação.

Artesanato: são desenvolvidos principalmente, por meio do trabalho de gênero, juvenil. Geralmente são os homens e os jovens do sexo masculino que saem para colher a matéria-prima nas áreas de Cerrado. Os mesmos realizam a preparação básica e, posteriormente, as mulheres, jovens e as crianças realizam os trabalhos de tessituras, armação e acabamento final dos colares, bolsas, brincos e outros adereções de capim dourado como de fibra de “piaçaba”, buriti e buritirama.

Ressalto que o artesanato nas comunidades do médio vale do rio Guará sempre existiu para o desenvolvimento de utensílios domésticos. É uma atividade conectada aos saberes tradicionais, transmitido de geração a geração. Neste início do século XXI ela vem sendo ressignificada e potencializada, sobretudo pela inserção das mulheres geraizeiras com o incentivo da instituição não governamental ONG Associação de Promoção do Desenvolvimento Solidário e Sustentável (ADES) de responsabilidade jurídica e programática pela Agência 10envolvimento¹³, por meio do projeto intitulado: “Veredas Vivas: símbolo de resistência ao agronegócio” financiado pelo programa de Pequenos Projetos Eco-sociais (PPP-ECOS), de 2008 a 2010.

Neste projeto, houve ações buscando a valorização da cultura local dos Geraizeiros. O mesmo foi premiado pela rede Caritas¹⁴. O valor deste prêmio foi convertido em utensílios eletrônicos (liquidificador industrial, *freezer*, mesas) para potencializar a criação do primeiro Centro de Referência do Cerrado. Além disso, contaram com a contribuição da gestão municipal por meio da Secretaria de Meio Ambiente para a construção do prédio. Ressalta-se que atualmente o referido

¹³ <http://10envolvimento.org.br/>. Acesso em: 05/09/2017

¹⁴ <http://caritas.org.br/> Acesso em: 11/04/2017.



Centro de Referência do Cerrado abriga várias famílias Geraizeiras na produção de artesanatos, medicina popular e produtos alimentícios, sendo administrado pela Associação da Comunidade Geraizeira de Ponte de Mateus (CONGEPOM).

O que relatamos é ilustrativo que a luta pela permanência na terra (posse) dos Geraizeiros transcende a lógica da desterritorialização mencionada por Haesbaert, 1995. É uma luta pelo “bem viver”, (WALSH, 2010). O bem viver seria a possibilidade de viver com as suas cosmovisões, suas práticas, seus fazeres e reproduzirem os seus modos de vida junto com as paisagens dos Cerrados. Uma r-existência de espacialidades do rural que não busca apenas a multifuncionalidade voltada para a produção agrícola. Mas, é uma luta silenciosa, de resistência amparada pelas suas cosmovisões e cosmovivências, conforme bem discutiram Bórquez e Rodríguez (2014).

Para melhor entender convém esclarecermos teoricamente o que se entende por r-existência dos Geraizeiros diante do *front* agro-energias-negócios na referida mesorregião. A r-existência dos Geraizeiros ao analisamos com base na tradução das geografias pós-coloniais, conforme Porto-Gonçalves (2006), Azevedo (2008) e Almeida (2008). Uma geografia de/em transição que busca no terceiro-espço os feixes de abertura, de ressignificação e de r- existência nos Cerrados baianos.

Porto-Gonçalves (2002) assevera que:

Aqui, mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior e, assim sempre uma ação reflexa, temos r-existência, é dizer, uma forma de existir, uma determinação matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de um *topoi*, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, age entre duas lógicas (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 165).

O autor propõe uma nova leitura de resistência, considerando os saberes, às vivências de povos e comunidades. Elas estruturaram suas territorialidades entre a lógica imposta pelas territorialidades de “ordem moderno-colonial” e a lógica decorrente das territorialidades mais autóctones. As essências de seus modos de vida constituem-se ressignificações do existir.

As r-existências constituem as raízes e as territorialidades dos Geraizeiros diante das exaltações territoriais ocasionadas pela expansão da agricultura e, por sua vez, pelo *front* agrícola. Eles conseguem resistirem, a criarem no seio de seus modos de vida e, sobretudo (re)habitar as áreas dos Cerrados.

Cabe frisar que as r-existências são também moldadas espacialmente pelas territorialidades neste *front*. Estas impõem e possibilitam o processo de (re)habitação sobre forte pressão dos bens naturais, racismo ambiental e marginalização ambiental dos Geraizeiros que continuam desenvolvendo o seu modo de vida nas Áreas de Preservação Ambiental Permanente.

(Re)habitar ou simplesmente habitar é muito mais que localizar em um lugar, povoado ou distrito da sociedade moderno-colonial. “É também encontrar pessoas, levar a vida social”, de



acordo com Claval (2010, p. 41). Desse modo, (re)habitação dos Geraizeiros compõe as ressignificações das formas, das funções e do simbolismo do integrar as paisagens do Cerrado. Mas, também, incorporam novos *habitats*, residências aglomeradas nos povoados, com atividades nos quintais produtivos nos terraços nas proximidades das Áreas de Preservação Ambiental Permanentes. Pode-se afirmar que a (re)habitação dos Geraizeiros perpassa pela adaptação de suas dimensões territoriais, antes da década de 1970, vales e gerais – Chapadões. Posteriormente, cercados pelas territorialidades ambientais das Áreas de Preservação Permanentes das grandes fazendas. É também uma adaptabilidade de vivências em territórios próximos e de territórios distantes os quais estabelecem rede de relações familiares, comerciais e, inclusive apoio político e financeiro.

Todas essas manifestações territoriais de r-existência dos Geraizeiros estão interligadas com as suas cosmovisões de lugar-mundo e com as suas cosmovivências, com já o mencionamos. Ambas interligadas com a religiosidade popular a qual os Geraizeiros têm na romaria da Terra e das Águas em Bom Jesus da Lapa o *locus* de resistência nas últimas décadas.

Recentemente, com o aumento das transformações territoriais, as perdas de terras e com a redução dos bens naturais, sobretudo, os Geraizeiros mais jovens passaram a participar dos movimentos ambientais regionais e das Semanas do Cerrado em 2014, 2015, 2016 e 2017. Com isso, nota-se que há politização do debate em prol da defesa dos bens naturais e as possibilidades de constituição de outras r-existências dos Geraizeiros.

O máximo dessa nova participação foi o envolvimento de 06 (seis) Geraizeiros 5 das comunidades do referido médio vale do rio Guará, no Encontro dos Povos dos Cerrados e Comunidades do Cerrado, na cidade de Araguaína, TO. Com bem aponta, Svampa (2010) há possibilidade de conquistar uma r-existência com novas formas de militância, de representação e de outra autonomia neste mundo de transição e de crise socioambiental. E, São Desiderio, com seus Geraizeiros é um bom exemplo.

5 PALAVRAS FINAIS, SEM CONCLUIR

Desta abordagem sobre a r-existência das Geraizeiros do médio vale do rio Guará merece frisar, principalmente, a evidência de existências espaciais pautadas na redefinição de suas territorialidades. Estas afloram com o advento da modernização da agricultura e com o desenvolvimento do *front* agro-energias-negócios.

Os Geraizeiros que continuam existindo e (re)habitando nas franjas dos Cerrados baianos passam por uma forte redefinição da dimensão do território vivido no qual têm sua subsistência. É o caso da pecuária reduzida significativamente entre as famílias e em quantidade do rebanho. E, as



áreas agricultáveis estão restritas apenas aos vales úmidos e veredas nas proximidades dos povoados maiores em número de habitantes.

Ressalta-se que nas últimas cinco décadas a modernização da agricultura não conseguiu desterritorializar totalmente as famílias geraizeiras. Porém, as colocaram cercadas fisicamente e subjetivamente em relação ao desenvolvimento do *front* do agronegócio ou do agro-energias-negócios. Ademais, as leis estaduais e federais – novo código florestal -, o decreto do MATOPIBA os ignora enquanto povos tradicionais nas franjas dos Cerrados.

Em tal contexto fortalece o entendimento que a produção de *commodities* também é uma produção de energia alimentar que iram produzir proteínas em outros países e regiões brasileiras.

Infelizmente, tais projetos mesmo interligando com outras fontes de produção de energias não retraíram o avanço da fronteira agrícola nas áreas dos Cerrados baianos e áreas de Transição do Cerrado/Caatinga. Muitos desses investimentos ainda estão vinculados a capitalização das terras ditas devolutas, porém, encontram-se contrários e conflitantes com uma diversidade de territórios tradicionais de comunidades Geraizeiras e quilombolas.

Esses projetos ainda continuam interligados ao setor do agronegócio, a exploração dos bens hídricos. Supostos defensores das energias renováveis eles já superam o hibridismo “agro-hidro-negócios” até o presente momento denunciado por Mendonça, (2004). Essa lógica contraditória de uso e ocupação do agronegócio brasileiro busca incorporar no *front* da fronteira agrícola dos Cerrados baianos, nas áreas de transição da Caatinga/Cerrados e, principalmente na região do MATOPIBA o agro-energias-negócios.

Tais projetos mesmo estando relacionados aos agronegócios, já o dissemos, eles promovem a destruição da biodiversidade, entendido neste texto como o território culturalizado (ALMEIDA, 2003) e da dinâmica dos bens naturais do Cerrado.

Na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia constata-se que os empresários produtores de energias ditas renováveis, os grandes proprietários rurais do agronegócio e proprietários das grandes fazendas, adotam uma estratégia maléfica aos Geraizeiros. Amparados pela nova legislação ambiental e tentando cumpri-la muitos passaram a adquirirem terras nos fundos de vales e na transição Cerrado/caatinga, para alocação de suas APPs. Estas terras foram escolhidas devido aos menores valores financeiros, porém, revigorou a grilagem de terras.

Diante do exposto, os Geraizeiros mesmo com os seus territórios de vida reduzidos, “cercados” e, principalmente aviltados, combinam os seus usos da biodiversidade dos Cerrados com as aposentadorias, as bolsas famílias, a renda de trabalho diarista e assalariado nas fazendas do agronegócio. Esta dupla ocupação característica da pluratividade é a alternativa para sobreviver nos aglomerados, povoados e vilas rurais,



Assim, reinventam o seu modo de vida com seus saberes e práticas socioambientais diante das territorialidades que se configuram no referido vale. E, quando indagados se querem mudar de seus habitats, a resposta revela o forte apego local: “daqui eu não saio, eu gosto muito daqui. É um lugar muito bonito”, (outubro de 2016). Por último, é importante frisar que a r-existência possui um conteúdo sociocultural e político amparado “na cosmovisão e na cosmovivência” conforme já o referenciamos. A r-existênciãfron sobrevive nas ações coletivas dos grupos sociais de forma a garantir o “bem viver” nos Cerrados baianos, mesmo com todas as pressões do *front* agrícola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Uma leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 294- 313.

ALMEIDA, M.G. Cultura Ecológica e Biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**. Ano 2. Número 3, 2003, p. 70-82.

ALVES, V. E. L. Modernização Agropecuária, Ruptura e Permanência do Modo de Vida Camponês nos Cerrado do Sul do Piauí. **Boletim Paulista de Geografia**. N. 77. São Paulo. abril, 2001. p. 7 - 28.

AZEVEDO, A F., Geografias Pós-Coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós-colonial, In PIMENTA, J. R.; AZEVEDO, A. F.; SARMENTO, J. (Orgs.) **Geografias Pós-Coloniais**. Porto: Figueirinhas, 2008.

BARBOSA, A. S. Ocupação Indígena no Sistema Biogeográfico do Cerrado. In: GOMES, H. **Universo do Cerrado I**. Goiânia: Ed. da UCG, 2008. p. 79-165.

BAHIA. SEPLAN. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia. In: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em: 11/04/2016.

BRASIL. **Cidades**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. 2016. In: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292890&search=bahia|sao-desiderio>. Acesso em: 05/03/2016.

BRASIL, MMA. Ministério do Meio Ambiente. Monitoramento do Desmatamento no Bioma Cerrado, 2002/2008. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/monitoramento_desmate_bioma_cerrado_2002_2008_csr_ibama_rev_72.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2015.

BÓRQUEZ, L. C.; RODRÍGUEZ, V. N.. El “Buen Vivir” en México: ¿fundamento para una perspectiva revolucionaria? In: RAMOS, G. C. D. (Coord.) **Buena vida, buen vivir: imaginario alternativos para el bien común de la humanidad**. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2014. (Colección Debate y Reflexión). p. 185 a 204.

CARDOSO, Evanildo, S. Viver entre margens: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas, Barreiras, Bahia. Goiânia. IESA/UFG. **(Tese de Doutorado)**. 2012.



- CLAVAL, P. **Terras dos Homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIEGUES, A. C.S.A. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec. 1996.
- FREDERICO, S. **O novo tempo do Cerrado: Expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.
- GOMES, H. A Transposição do rio São Francisco: questões para o debate. **Revista do Instituto Trópico Subúmido**. V 2. Goiânia: Ed. UCG, 2012.
- PORTO GONÇALVES, C. W. O Latifúndio Genético e a R-existência Indígena-Campesina. **GEOgraphia**, Vol. 4. N. 8 (2002) p. 1-15.
- PORTO-GONÇALVES, W. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. “Gaúchos no Nordeste: modernidade, Des-territorialização e Identidade”. São Paulo. USP. FFLCH (**Tese de Doutorado**). 1995.
- MAZZETO SILVA, Carlos E. **O Cerrado em disputa: apropriação global e resistências locais**. Brasília: Confea, 2009.
- MENDONÇA, M. A urdidura do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano (**Tese de Doutorado em Geografia**), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, Brasil. 2004.
- RIBEIRO, F. R. História Ecológica do Sertão Mineiro e a Formação do Patrimônio Cultural Sertanejo. In: LUZ, C.; DAYRELL, C. (Orgs.). **Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade**. Montes Claros, MG, 2000.
- RIGONATO, V. D. Por uma Geografia de/em transição: r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA. (**Tese de Doutorado em Geografia**), Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Goiânia, Goiás, Brasil. 2017.
- SANTOS, C. C.; VALE, R. **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do Além São Francisco**. Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, BA, 2012.
- SANTOS, C.C. M. dos. Oeste da Bahia: Modernização com (des)articulação econômica e social de uma região. PPGCS/UFBA. Salvador Bahia, (**Tese de Doutorado**). 2007.
- _____. **O Espírito do capitalismo na ocupação dos Cerrados da Bahia e do Piauí**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.
- SANTOS FILHO, M. **O Processo de Urbanização no Oeste Baiano**. Recife: SUDENE, 1989.
- SOBRINHO, J. S. de. Territorialização e desterritorialização dos camponeses Geraizeiros do vale do rio Arrojado, Oeste da Bahia. In: ALVES, V. E. (Org.) **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste do Tocantins**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 269-323.
- SVAMPA, M. Movimientos sociales, matrices socio-políticos y nuevos escenarios en América Latina. Working Papers 01/2010. In: <https://kobra.bibliothek.uni->



kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:342010110334865/1/OWP_Working_Paper_2010_01.pdf.
Acesso em: 11/04/2016.

THÉRY, H; MELLO, N. A.de; HATO, J. GIRARDI, E. P. **Atlas do Trabalho Escravo no Brasil**. São Paulo: Amigos da Terra, 2009. In: <http://amazonia.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Atlas-do-Trabalho-Escravo.pdf>. Acesso em: 15/06/2017

WALSH, C. Desenvolvimento como buen vivir: acordos institucionais e (de) envolvimentos coloniais. **Desenvolvimento**, 53(1), 15-21, 2010.